

SOBRE O “PLATONISMO” DE ARISTÓTELES: O TESTEMUNHO DO *EUDEMO*

ANTÓNIO PEDRO MESQUITA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

A impressão exercida sobre muitos estudiosos pelo patente desajuste entre as inclinações e características do perfil filosófico de Aristóteles e as do seu mestre Platão, de cuja influência deveria todavia ter ficado impregnado ao longo do seu demorado discipulado na Academia platónica, bem como entre segmentos textuais dos tratados em que umas ou outras parecem predominar, levou alguns autores, *maxime* Theodor Gomperz, a considerar que o pensamento aristotélico estaria suspenso de uma como que crucificação pela pulsão antinómica de duas tendências: a asclepiada, natural nele e responsável pelo apego ao singular e ao concreto, e a platónica, adquirida na sua formação escolar e emergente a espaços nos trechos de maior intimismo contemplativo.

Uma outra perspectiva, historicamente bem mais influente, foi também sensível a esta aparente duplicidade do pensamento aristotélico.

Foi, com efeito, a mesma atenção à ocorrência desta duplicidade no texto de Aristóteles, eminentemente a respeito da natureza e objecto da filosofia primeira, ora entendida como ontologia fundamental nos livros da substância, ora definida como teologia no livro Λ da *Metafísica*, que levou Werner Jaeger a postular uma evolução do platonismo inicial à progressiva constituição de um ideário autónomo, com a qual esperava poder articular, salvando-as da contradição, as duas vertentes da personalidade filosófica de Aristóteles.

A sua projecção de uma engenhosa *geistliche Entwicklung* que teria levado Aristóteles do “platonismo dogmático” ao “empirismo do Liceu” não é senão a consagração sob forma histórica das duas tendências, platónica e asclepiada, que Gomperz discernia constitutivamente no pensamento aristotélico.

A verdade, todavia, é que a ideia de que Aristóteles foi, em determinado período, um platónico é tão-só um *a priori*, fundado no inacreditável que parece ser que um jovem formado ao longo de vinte anos no ambiente da Academia *pudesse não ter sido* platónico. E, como apriorístico que é, impõe-se frequentemente de modo consuetudinário, como se não carecesse de prova.

É justamente esse *a priori* que pretendemos contribuir para desafiar.

Para isso, procederemos a uma análise do *Eudemo*, uma das duas obras reputadas de juventude, que, juntamente com o *Protréptico*, são habitualmente invocadas para documentar um alegado período platónico do pensamento aristotélico.

O objectivo será o de mostrar que, tanto quanto podemos ajuizar pelo conteúdo dos fragmentos e testemunho conservados desta obra, se ela for de facto de juventude, como normalmente se supõe, Aristóteles jamais compartilhou, de facto, as intuições centrais do platonismo.